

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Litoral

Class.:

Política Ind. Oficial

Data:

22/03/92

Pg.:

11 PINRA445

## FALTA DE VERBAS AMEAÇA CASA DO ÍNDIO

A Casa do Índio de Belém, que assiste atualmente a cerca de 60 índios, pode parar em 15 dias por falta de recursos. O superintendente regional da Fundação Nacional do Índio, Frederico Oliveira, disse ontem que os recursos orçamentários deste ano, em montante ainda não informado por Brasília, ainda não foram repassados à Funai, também afetada pela falta de recursos.

Criada há 22 anos, a Casa do Índio presta assistência aos índios do Pará, Amapá e Maranhão, Estados sob jurisdição da Superintendência Regional da Funai, mas também atende a índios cujas aldeias ficam em Manaus e Boa Vista, por exemplo. Enviados para atendimento médico, eles ficam na Casa enquanto estão em Belém, resolvendo seus negócios ou vendendo artesanato.

No momento, não há recursos para a aquisição de medicamentos e alimentos. Segundo Oliveira, cada índio custa Cr\$ 4 mil por dia. Em março, a Casa do Índio já gastou Cr\$ 8,5 milhões com alimentação. Os gastos com luz, água, telefone — na iminência de serem cortados por falta de pagamento — limpeza e combustível não foram informados. Os três veículos usados no transporte dos índios, entre eles duas Kombis, estão quebrados, mas há necessidade de três a quatro viagens diárias, ida e volta, entre Belém e Icoaraci, onde fica a Casa do Índio. Também não há recursos para comprar passagens e mandar os índios de volta às suas tribos.

A Casa do Índio já tinha enfrentado a falta de recursos, "mas nunca havia chegado a tanto", lamenta o chefe de Divisão de Assistência da Funai, Mário Ferreira. "Desta vez, o atraso no repasse dos recursos está sendo



Um casal de índios Urubu-Kaapor com seus filhos pequenos

demasiado", reforça Frederico Oliveira. Para contornar o problema, a Funai tem contado com a ajuda da Fundação Nacional de Saúde, Fundação Legião Brasileira de Assistência, Secretaria Estadual de Saúde Pública, Secretaria Municipal de Saúde e Meio Ambiente e Universidade Federal do Pará. "Mas eles também enfrentam a falta de recursos", acrescenta Oliveira.

O convênio mantido com a LBA, que repassava recursos à Casa do Índio, também enfrenta problemas, este ano, com a falta de verbas. Vários documentos já foram enviados à Brasília explicando a situação da Casa do Índio e da Superintendência Regional da Funai, inclusive um telex, no último dia 17, à presidência da

Funai, ainda não respondido.

De 22 a 29 deste mês seria realizado, em Brasília, um debate entre os administradores da Funai sobre a situação das casas dos índios e o funcionamento das administrações regionais. A reunião foi adiada para o período de 5 a 12 de abril próximo.

A Casa do Índio conta com dois médicos, dois odontólogos, uma enfermeira e uma bioquímica, além do pessoal administrativo. As principais doenças que acometem os índios são malária, diarreia, infecção respiratória aguda, hepatite e conjuntivite. Os casos mais graves são atendidos nos hospitais públicos ou privados integrados ao Sistema Único de Saúde. Os casos simples são tratados na própria Casa do Índio.

## Os índios não podem voltar às aldeias

Com um total de 37 índios, entre os quais dois hospitalizados na rede pública, a Casa do Índio, localizada em Icoaraci, não suporta mais hóspedes, diante de todas as dificuldades que enfrenta. A falta de recursos para o transporte de retorno dos índios já curados às suas aldeias, agrava a situação pois a Casa tem que dar conta da alimentação de muitos com pouco dinheiro, obrigando na maioria das vezes os próprios administradores do lugar a cobrir despesas com medicamentos e complementação alimentar.

Entre os índios saudáveis que aguardam uma chance de regresso ao lar está o casal Urubu-Kaapor Marisa e Piriah Caapó, cuja reserva está localizada no rio Gurupi, divisa do Pará com Maranhão. Eles vieram para Belém em função de complicações no parto de Marisa, que deu à luz gêmeos. Com 18 anos, ela teve retenção de placenta e perdeu muito sangue quando o índio Agostinho Tembê a trouxe em um táxi pago pela Funai, acompanhada do marido e dos filhos. Marisa foi medicada na Santa Casa de Misericórdia e teve alta do hospital, mas a família continua aos cuidados da Casa do Índio até a volta à aldeia.

Duas índias da aldeia dos Tirió, localizada em Macapá, Izaura e Esther, também aguardam há mais de três meses por uma vaga no avião da FAB para voltarem ao lar. Elas também tinham problemas de saúde quando vieram trazendo junto uma criança, mas já estão plenamente restabelecidas.

das aguardando impacientes pela viagem.

### Situação difícil

Segundo Jorge Bahia, administrador do lugar há cerca de 15 anos, como a Casa não tem recurso para passar medicamentos aos postos indígenas, a situação fica ainda mais complicada. "Pois qualquer problema, por mais simples que seja, é mandado para cá". Ele explica que antes só casos graves eram encaminhados para lá e os problemas mais simples resolvidos pelos funcionários dos postos, onde trabalham, além do encarregado, uma auxiliar de enfermagem, uma professora e um auxiliar de serviços gerais.

A falta de recursos obriga os próprios funcionários da Casa a bancarem despesas extras com os índios. Um exemplo foi a compra de uma sonda para o índio timbira Malaquias, que fez cirurgia de próstata e insistiu para que a sonda colocada no hospital fosse retirada. Com isso, ele teve problemas e o administrador da Casa teve que comprar outra sonda por conta própria.

Entre os que estão "hospedados" na casa do índio há 10 crianças, das quais seis doentes. Elas recebem atendimento no laboratório que funciona na Casa e medicamentos doados pela CEME para a farmácia que agora está quase vazia. O total de funcionários que servem à Casa é de 26, incluindo cozinheiras, auxiliares de enfermagem, médicos, odontólogos e auxiliares de serviços gerais que ajudam com os doentes.

### Caso grave

Um dos mais graves, que é tratado na própria Casa do Índio com visitas periódicas ao hospital, é Edmilson, um mundurucu paraplegico que apresenta complicações pulmonares e hepatite. Ele ingressou no local no dia 14 de fevereiro e seu estado de saúde ainda inspira cuidados. Para completar sua nutrição ele precisa de alimentos ricos em glicose, o que é feito pelo administrador que semanalmente compra goiabada e doces para o doente.

Contribuindo para sua sobrevivência, a Casa do Índio tem colaboradores isolados. O cirurgião plástico Aldo Locurto é um dos mais representativos. Apaixonado pelos índios brasileiros, ele vive seis meses na Itália e seis meses no Brasil. Em sua última viagem a Belém, financiou a cirurgia de catarata de uma índia assurini de Altamira. Ele ficou sensibilizado com o problema pois Mafrugui é uma das mais completas artesãs de sua aldeia e corria o risco de ficar cega se não fosse submetida à cirurgia na vista. Já recuperada, ela compõe a lista dos que esperam por uma chance de voltar para casa.

Aldo Locurto é também o doador de um equipo portátil francês de odontologia, utilizado pelos dentistas na Casa. Segundo o odontólogo Mário Ferreira, um equipo-odontológico grande está fora de uso por falta de manutenção e o portátil francês, um dos únicos existentes no Brasil, é o que está sendo utilizado no serviço.